Dr. Carlos A. Disandro

O Falso Papa Reinante

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Dr. Carlos A. Disandro

O Falso Papa Reinante

Libro & Moschetto Fascista Perfetto

Um Sexteto de Apóstatas

Queridos leitores e visitantes, desejamos compartilhar com vocês este interessantíssimo e atualíssimo editorial da revista “HOSTERÍA VOLANTE”, dirigida pelo Dr. Carlos Disandro, e que foi publicado nessa revista nº 27, de julho de 1971.

Devemos notar a clareza doutrinária deste filósofo e o sentido profético de seus escritos, já que, passados mais de quarenta anos, eles conservam plena vigência no mar de apostasia e heresia judaico-cristã reinante. Por fim, queremos esclarecer — e esclarecer especialmente aos nossos leitores, fiéis e amigos hipercríticos — que não somos “DISANDRISTAS”, 1º porque o Dr. Disandro — infelizmente — não deixou nenhuma escola, 2º porque temos entendido que ele não pretendia coisa semelhante; ao contrário, sempre exortava a que se estudasse e se retornasse às fontes, isto é, aos Evangelhos e aos Santos Padres.

Será talvez esta a última nota da Hostería Volante sobre tema tão delicado e dramático. Por isso convém recapitular, em sucinto resumo, o horizonte entenebrecido nos difíceis dias que transcorrem, obcecados por uma falsa paz que é uma sinistra guerra, estimulados por uma falsa guerra que impede o fundamento da concórdia verdadeira e conduz, portanto, a uma sinistra paz.

Será talvez esta a última nota da Hostería Volante sobre tema tão delicado e dramático. Por isso convém recapitular, em sucinto resumo, o horizonte entenebrecido nos difíceis dias que transcorrem, obcecados por uma falsa paz que é uma sinistra guerra, estimulados por uma falsa guerra que impede o fundamento da concórdia verdadeira e conduz, portanto, a uma sinistra paz.

Explicamos em múltiplas notas, artigos, ensaios e conferências o caráter de uma autoridade inválida, a vacância de um poder religioso outrora consentido com ódio pelas potências intramundanas, hoje erodido e apoiado com deleite por essas mesmas tendências apocalípticas, esotéricas, judeocabalistas, judaico-cristãs, criptojudaicas, etc. Esse caráter e essa vacância se resumem no vínculo entre Igreja e Pontificado (transcendente e celeste), e na referência entre Pontificado e pontífice (entitativa e histórica).

Dessa maneira, transitamos com intrepidez por um território conceitual, sobrecarregado por obscuridades inevitáveis; e, com modéstia, uma luz, coroada de resplendores inatingíveis. Não temos mais nada a dizer, pois tudo será efeito desse sinistro pseudo-pontífice, que tudo utiliza para derrubar tudo: só lhe falta o último ato, a saber, a pretensão de anular a sacramentalidade trinitário-teândrica da Igreja, para convertê-la em uma empresa sociomórfica e intramundana, que participe e aglutine o governo mundial em execução. Já se percebe esse rumo em sua incrível alocução da Páscoa de 1971. A falsa missa preludia essa tenebrosa exigência das potências esotéricas, que hoje escravizam a Igreja.

Dissemos nos últimos cinco ou seis anos o fundamental de uma temática sinistramente silenciada pelos autoproclamados teólogos tradicionalistas, que empunham a vara do tambor para ulular à obediência, enquanto a arquitetura da Fé cai sob o picareta de Lenín-Montini: o que

dizem em reserva, segredo e recato, as mais terríveis acusações contra o falso papa, mas que em público aconselham aos jovens o sinistro desígnio de aceitar tudo, inclusive a destruição da pátria.

Não há mais o que analisar: falso papa, falsa missa, falso ecumenismo, falsas músicas, falso evangelho, falsos clérigos, falsa renovação, falsa lectio, falsa teologia, falsa mística, falsa misericórdia e falsa justiça. O que vem é, portanto, ou o colapso da falsidade, ou o império de suas terríveis consequências escravistas. Se for o colapso, estamos preparados para prolongar a Fé na caótica anarquia que tudo varrerá; se for o império das trevas, estamos preparados para afirmar e sublinhar, unidos à mais entranhável tradição, o que consideramos a substância da Fé.

Isso sim: não sabemos se nos será concedida a coroa dos fortes. Mas este é um dom que se recebe; aqui falamos daquilo que nossas fracas forças conseguem entrever.

Entretanto, confirmamos, desde estas páginas peregrinas, como as de uma “hosteria” que finca seu brasão em qualquer rumo da pátria e do mundo, a conclusão que surge deste sombrio decênio e que culmina neste ridículo e sinistro espetáculo de um pseudo-pontífice que converge com as

mais cruéis e desumanas potências de escravidão (em nome da ressurreição de Cristo) e que, transformado em profeta de uma esperança que nada tem a ver com o Espírito, proclama com incrível e satânico orgulho a mutação intramundana da humanidade.

Desapareceu, para este judeu carbonário, a mística do anacoreta, do monge e do contemplativo: só pensa que o homem é “príncipe dos céus”, porque voa em ridículas cápsulas interplanetárias, das quais se ri até mesmo sinarcas como Toynbee. Desapareceu a meditação e a posse da vida intratrinitária: só pensa na vida do progresso, nas máquinas e no socialismo. Desapareceu a posse e a meditação da humanidade de Cristo: só pensa em converter pedras em pão, para que se erija diante das massas famintas (criadas pelas mesmas potências que protegem Montini) como um novo deus, um deus intramundano, ou, ao menos, como seu eleito profeta ecumênico, sem Deus e sem Terra.

Enfim, desapareceu todo ato de elevação na vida da Igreja: só pensa que pode rolar, monte Vaticano abaixo, sem sofrer qualquer detrimento, protegido como está pelas instâncias dos poderes sinárquicos. Entramos, portanto, no último ato: a satanolatria, que conduz ao colapso ou à escravidão.

Não é fácil escrever estas linhas: mas devemos escrevê-las, para coroar um ciclo do qual estamos conscientes e que reafirmamos sem ambiguidades. Seus erros serão atenuados pelos anos densos que virão; suas verdades, ainda que poucas ou fracas, resplandecerão na fuliginosa densidade que nos oprime. E, desde este sombrio episódio — na escravidão ou no colapso —, uns e outros perceberão, em sua modéstia e clareza, que na América soubemos suportar o cruel e duro peso da clareza penumbrosa.

Tais reflexões devem ser aplicadas, em primeiro lugar, à nossa sofrida terra, pela cuja continuidade, perduração e exaltação comprometemos — e temos comprometido — nossas horas mais lúcidas e fervorosas. Pois aqui, talvez como em nenhum outro ponto do mundo, os confrontos parecem mais desoladores e terríveis. Não ouvimos uma única voz entre as sacras cabeças corrompidas que anseie — não digo que reclame — a

autenticidade da Igreja; neste vômito sofístico das altas cátedras, esses “bispos” continuam sendo bispos, porque deixaram de ser epíscopos.

As consequências de sua inserção político-temporal continuarão sendo terríveis; contra elas devemos nos fortalecer para instaurar um Estado argentino livre da tutela de uma igreja ecumênica, subversiva, judaico-cristã, tercermundista, pseudotradicionalista, empresária, que exalta a pobreza, porque corrompeu os pobres. Nosso programa político, nesse caso, é reconhecê-la e deixá-la de lado, para instaurar um “Estado bárbaro”.

Segundo essa premissa, organizam-se instâncias político-temporais fundamentais e sucessivas, que podem se concretizar na hora do colapso, ou que poderão ser meditadas talvez nas sombras da escravidão. Aqui já nos escapam as conjunturas definitivas.

Finalmente, sublinhamos, em incontáveis ocasiões, desde a Hostería Volante, o rumo previsível, a manobra obscura e farisaica, o desapego das hierarquias vaticanistas à luz doutrinária e mística, o falseamento de uma linguagem que se tornou, satanicamente, um campo de concentração linguístico, onde os escravos judaico-cristãos servem aos senhores mundialistas contra a Igreja de Cristo.

Adotamos uma postura de corte conceitual diáfano, e derivamos daí numerosas conclusões de ordem empírica. Já ninguém acusa a Hostería Volante de exageros (como nos anos de 1958-1964), ou de muitas outras coisas concorrentes (como nos anos de 1964-1970): simplesmente a odeia-se ou a ama-se e a protege-se; queima-se ou solicita-se, exalta-se ou afunda-se no lodo. Não nos surpreende nem nos incomoda isso. Pagamos o tributo da contradição de toda obra humana.

Aos que nos odeiam, particularmente aos clérigos, ou àqueles que, sob sua condução, se regem pela bandeirola do inferno, pontuamos que no vasto mundo também há lugar para nós e que, sendo como somos “arcaicos, obsoletos, obsessivos e teimosos”, não prejudicamos em absoluto seus planos socialistas, ecumenistas ou quaisquer que sejam. Que nos odeiem, pois, e deixem livre o caminho para nossa dramática

requisição. Ou que nos odeiem, mas cumpram seu dever de verdade, proclamando precisamente aquilo pelo qual nos odeiam.

Aos que nos amam, particularmente àqueles que, vivendo na escravidão, desejam nossa liberdade espiritual, asseguramos que esse é o fundamento de nossa existência, e que, no vasto mundo, sendo tão limitados como somos, a dimensão desse amor cobre todas as precariedades, contradições, incongruências e debilidades, e nos força a ser o que somos: HOSTERÍA VOLANTE, NUNC ET SEMPER. QUE, EM QUALQUER CASO, EXISTIMOS POR ISSO, PARA AMAR NA VERDADE.